

UMA RELEITURA DA OBRA “O GRANDE GATSBY”

Rosângela Borges Teixeira Fayet¹

RESUMO: Este trabalho tem a intenção de fazer uma análise das linguagens cinematográfica e literária, com o foco na reciclagem poética. Afim de melhor exemplificar esse tema, o clássico da literatura americana *O Grande Gatsby*, escrito por Fitzgerald, e duas de suas adaptações para o cinema, cujos anos de produção são 1974 e 2013.

ABSTRACT: This work intends to make an analysis of cinematic and literary languages, with a focus on poetic recycling. In order to better illustrate this theme, the classic of American literature, *The Great Gatsby*, written by Fitzgerald, and two of its film adaptations, whose production years are 1974 and 2013.

PALAVRAS-CHAVE: cinema. Adaptação. Análise. Gatsby. romance.

KEYWORDS: cinema. Adaptation. Analysis. Gatsby. novel.

CÓDIGO DOI: 10.18835/1806-1771/jurídica.uniandrade.n21v2p336-351.

1. INTRODUÇÃO

Por meio de imagens e sons o cinema nos conta uma história. Ele nos mostra o que julga necessário para o entendimento dessa mesma história, é uma visão pessoal do roteirista. E se tratando de adaptações da literatura para o cinema, isso se torna

¹ Bacharel em Design de Moda pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP; e em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, especialista em Moda e Comunicação em Marketing na Universidade Anhembi Morumbi e técnica em Design de Interiores pelo Centro de Educação Profissional de Design, Artes e Profissões.

mais claro ainda, pois é o roteirista que deve expor por meio de imagens e áudios específicos. E ainda assim, um filme é fechado nele mesmo, ou seja, não depende do externo para fazer sentido, o que o torna passível de várias leituras através dos anos. E também, ele proporciona um prazer estético que a imagem e os sons carregam. O cinema é uma arte que trabalha muito com os sentidos, através do que vemos e ouvimos. Como exemplo a tudo isso, a obra clássica *O Grande Gatsby* de Fitzgerald e suas adaptações para o cinema.

2. O CINEMA

O cinema já havia sido idealizado desde a época de Platão, como vemos na sua alegoria da caverna, que é o primeiro projeto de cinema. Ali temos uma idealização técnica do cinema com a fonte de luz: a fogueira; As pessoas e estátuas que serviam de “matéria-prima” da “projeção”; a tela: a parede da caverna; e os espectadores: os homens aprisionados. Também anunciado pela câmara escura de Da Vinci no século XV. Mas os irmãos Lumière levam o crédito pelo início do cinema com a invenção do cinematógrafo. Onde foram as primeiras projeções contando histórias do cotidiano para um público. (SANTOS, 2003)

Na alegoria temos a questão de cópia, algo muito importante ao se falar de arte. Em sua Poética, Aristóteles já nos fala que a arte é a imitação da natureza, de algo real. Arte é cópia, não no mau sentido, mas no fato de que não criamos nada realmente, apenas modificamos algo que já conhecemos do nosso mundo sensível. Por isso, na alegoria as sombras representam ‘cópias’ das situações reais, projeções, imagens.

Representar é, por meio de signos, mostrar algo, simbolizar algo. A linguagem cinematográfica se utiliza de três bases para isso. A visual, a sonoridade e a verbal. Mas apenas duas dessas devem ser analisadas separadamente para depois uma análise conjunta.

3. VISUALIDADE

Essa parte visual se trata de uma série de quadros (fotografias) sendo passados em uma dada velocidade, que é medida por quadros por segundo. E através dessa passagem temos a falsa impressão de movimento. E o que é a fotografia? “É algo que se beneficia de uma transferência de realidade da coisa para sua reputação” (BAZIN, 1991, p.22), sendo assim, algo que não é a coisa em si, mas sim uma representação dela. E aí vemos que a imagem traz consigo vários signos a serem lidos pelo expectador.

“No processo da montagem cinematográfica, esses signos tornam-se o material basilar na construção de sentido. São imagens aptas a significar por si só, pois trazem informações da realidade visível.” (SANTOS, 2011, p.13)

Como essa citação afirma, a imagem possui autonomia para ela própria ser o meio de transporte desses signos. Porém, há momentos em que a imagem traz o significado, mas há uma ‘ausência’, um buraco. E aí entra a trilha sonora, que complementa a imagem.

4. SONORIDADE

Uma imagem nos dá uma visão externa de qualquer situação. Sempre haverá uma barreira que não nos permite sentir parte do que está acontecendo. A sonoridade complementa e cobre esse “problema”. Nos filmes, a trilha sonora serve para nos aproximar do que está sendo mostrado.

Antes mesmo do ‘cinema falado’, juntamente com as cenas e as falas projetadas, havia um acompanhamento musical, geralmente um pianista sempre estava presente tocando, ao vivo. Portanto, mesmo não sendo exatamente adequada ao filme, era necessária essa ambientação que a música oferece. (CARVALHO, 2007)

Quando os filmes começaram a ser apresentados com o áudio das vozes dos personagens o cinema como um todo se modificou. Antes a construção de sentido se dava apenas pelas imagens e textualidade (projeção das falas), com cinema falado, isso é alterado. Com essa mudança, o sentido se dá pela sincronia das imagens e o som. Em igualdade. Temos três tipos de áudio: O das músicas, o das vozes e o do

ambiente ou coisas concretas nesse ambiente, como portas batendo e etc. (CARVALHO, 2007)

5. ROTEIRO E ROMANCE

Num roteiro estão presentes imagens descritas, para que por elas se imagine como será o produto final. Quando se adapta um livro para um roteiro, a questão principal é a de achar a história que o livro traz e expor no roteiro como imagens. Portanto, não importa estar descrito num roteiro como o personagem se sente, mas sim a imagem, se ele exterioriza o que sente e como isso aparece. (FIELD, 2009)

Uma adaptação não precisa seguir fielmente o livro de base. Exatamente como nesse frase, o livro é apenas uma base. Como dito anteriormente, um romance e o cinema são linguagens diferentes, focam em visões diferentes. Então o roteirista faz essa ‘conversão’ de formatos. Ele acha a história principal, monta as cenas e constrói toda uma nova linha narrativa. Logicamente, cortes são feitos, pois nesta troca de formatos, certos acontecimentos não são dramaturgicamente necessários, ou então podem ser expostos de maneira rápida por meio de diálogos e/ou curtas cenas.

O romance é uma arte que através das palavras nos conduz ao conhecimento de estados emocionais e situações que os personagens dos mesmos passam. Não de uma forma “mastigada”, mas como algo que realmente exige raciocínio e nos dá uma liberdade criativa muito grande. Por mais descritivos que os livros possam ser, duas pessoas que leem o mesmo livro nunca vão imaginar exatamente o mesmo cenário, vestimenta ou situação. Isso varia de pessoa para pessoa, o que torna um livro em infinitas possibilidades.

“Retratado sob a visão de Nick Carraway, o livro “O Grande Gatsby” nos conta sobre o magnata Jay Gatsby e sua busca por reviver o passado. Como o jovem pobre que era, Gatsby, cujo sobrenome anterior é Gatz, almejava um futuro brilhante. Isto até conhecer a jovem Daisy, prima de Nick Carraway e a garota pela qual se apaixonou. Com ele no exército e sem condições financeiras, ele acaba não podendo voltar pra ela.

Por sua vez, Daisy se casa com velho amigo de Nick, Tom Buchanan, um homem de posses e que vive tendo relacionamentos extraconjugais.

Nick havia se mudado pra West Egg, e alugado uma casa vizinha a uma mansão, a tal pertencia a Jay Gatsby. Ele recebe um convite de seu vizinho para uma de suas festas badaladas. Lá ele conhece o até então misterioso Gatsby, o qual se mostra simpático e sempre otimista. Após alguns acontecimentos, Gatsby relata sua antiga história com Daisy e juntamente com Nick armam um encontro para os dois. Daisy acaba reacendendo a antiga paixão por Jay e planejam fugir, mas o marido dela descobre, e nesta reunião, Daisy não consegue fazer o que Gatsby deseja, apagar o passado e começar do zero. Eles vão embora e por um infortúnio Jay e Daisy atropelam uma das amantes de Tom. O esposo desta descobre que Gatsby era o dono do carro, e decide matá-lo e, logo após isso, cometer suicídio. Ele então o faz. Ninguém, exceto Nick e o pai de Gatsby, o senhor Gatz que comenta sobre a juventude e dedicação do filho. Daisy e Tom saem viajar e não voltam mais. Toda essa história é retratada no livro que Nick escreve, intitulado *O Grande Gatsby*.”

Neste romance, Nick Carraway nos dá sua visão pessoal sobre os acontecimentos. Deste modo temos apenas um ponto de vista relatado, o do narrador, e isso nos dá muito a pensar.

Qual a diferença de ver alguma coisa acontecer e alguém te contar essa mesma coisa? Toda. Em um livro que nos conta sobre os personagens e situações sem um mediador, temos a visão que o autor nos dá e assumimos como sendo exatamente daquele jeito. Tendo um narrador, acabamos conhecendo muito mais do narrador do que do restante. E esse era um dos dois focos da obra. Pois conhecendo Nick, conheceríamos o autor, Fitzgerald; e o outro foco seria apresentar a personalidade de Gatsby, que é muito complexa e até mesmo o autor alegou em uma carta a John Peale Bishop:

Nunca em tempo algum eu próprio consegui vê-lo (a Gatsby, o personagem) claramente- pois ele começou como um homem que eu conhecia e depois transformou-se em mim mesmo- e a amálgama nunca foi completa em minha mente. (COSTA,1978, p.69).

E este é o segundo foco da obra, desvendar essa pessoa que o narrador afirma ser uma das pessoas mais admiráveis que ele conhecera. Neste romance, há todo o mistério sobre quem é Gatsby, como ele é e age no mundo. E tudo o que sabemos é como Nick o vê.

Se tratando das adaptações do livro para o cinema, e assim como toda produção, todas tiveram prós e contras. E nos próximos tópicos vamos abordá-los de maneira mais clara.

6. ADAPTAÇÃO

Podemos afirmar que a adaptação de 1974 foi a mais fiel ao livro em termos de conteúdo exposto. Ainda assim, a ‘conversão de formatos’ não foi bem sucedida. Por tentar ser fiel demais ao livro, houve conflitos de linguagens e finalidades. Na montagem de 1974, a preocupação por contar exatamente o que o livro conta foi maior do que contar a própria história. Pois contar um livro não é a mesma coisa que contar a história deste mesmo livro. E por ser fiel ao romance, a linha narrativa da história ficou prejudicada. Um filme (roteiro) é um filme, um romance é um romance. São linguagens diferentes que merecem ser respeitadas.

O modo como o filme (1974) se passou, foi de mostrar as cenas que acontecem no livro, apenas jogando informações que não eram necessárias para contar essa história na linguagem cinematográfica. O filme até mesmo chegava a nos confundir sobre quem eram os protagonistas e como eles eram. Uma boa comparação entre as duas versões é a finalidade do filme.

Na versão lançada em 1974, o papel de Nick Carraway como narrador fica perdido, não sabemos se ele realmente está narrando ou se são seus pensamentos. Então começamos a história achando que o protagonista é o personagem Nick Carraway, contudo a linha narrativa muda e temos a entrada do personagem Jay Gatsby e seu relacionamento com Daisy Buchanan. E isso acaba nos contando outra história, que em partes não foi mediada pelo narrador. Esse posto de narrador se perde e não temos mais certeza dele.

Já na versão de 2013, o papel de Nick como narrador é mantido. Ele realmente narra durante o filme. Conta a história de Jay Gatsby. E como em toda adaptação, cenas precisam ser criadas para deixar coesa a história central. Por isso temos Nick num consultório psiquiátrico, em que o médico lhe manda escrever sobre qualquer coisa. Ele então resolve escrever sobre Gatsby, e assim, como no final do livro, ele publica o que escreveu como um livro e o intitula com o próprio nome da obra, O Grande Gatsby. Então, a história foi mantida, mas em outro formato.

Na versão do ano de 2013, Baz Luhrmann decidiu não apenas contar a história, mas além disso, ele fundiu os anos 20, época em que se passa o romance, com nossos dias. Ele nos deu tudo o que essa época nos oferece, com o melhor dos anos 20. Todo o luxo e glamour daquela década, com seus cenários, status e códigos de vestimenta; com os excessos, a música e tecnologia da nossa época. Houve então, algo que é bastante positivo nas adaptações de clássicos, uma releitura. Onde não apenas se reproduziu um discurso, mas sim como esse discurso mexeu com o roteirista pela montagem.

Três dos principais tópicos sobre essa comparação são: a dinâmica do filme, a imagem e a trilha sonora; podemos refletir especificamente cada um desses três. Começando pela dinâmica do filme fazemos um paralelo entre as sociedades e como se sucederam essas adaptações.

7. DINÂMICA

Atualmente, a sociedade nos impõe padrões de comportamento para nos adequarmos a ela. Vivemos dias corridos e “estressantes”, vivemos sob o domínio do relógio. Muitos acabam transformando sua vida pessoal na vida profissional e com isso, abolindo quase que por completo qualquer ato trivial para relaxar e descansar. E os que o fazem gostam de coisas instantâneas, sem muita espera. Inconscientemente todos nós temos um sentimento de “Estamos perdendo tempo” se algo nos atrasa.

Outra questão que é característica desta época é a velocidade, estamos todos conectados com o mundo todo, sabemos no exato momento que algo está acontecendo e aonde. A própria questão de pesquisa se tornou rápida, não é necessário ficar sobre

os livros e mais livros pesquisando e anotando. Basta ir ao qualquer site de pesquisa e em poucos segundos várias fontes aparecem sobre o assunto, e basta ler e escolher qual queremos.

Pode parecer impossível interagir com algo que já está fechado e impossibilitado de improvisar. Como o cinema oferece imagens prontas e sons, e por consequência com eles, a construção da história, por meio desses elementos, de como são utilizados, o espectador pode fazer parte do desenrolar da obra, jogando com ela. Esse jogo se dá com quem assiste ao filme e pensa saber o que vai acontecer, tentando montar um quadro com as informações que lhe são dadas. Quando se realmente joga com o filme, as linhas que montamos em nossas mentes são constantemente desconstruídas e reconstruídas. E isso acontece com a quebra de expectativas e reviravoltas que acontecem nos filmes.

Na versão de 2013 há sempre vários ângulos sendo mostrados, o filme sempre nos mostra algo novo. Isso se aplica também às cenas paralelas, que nos mostram o que esta acontecendo em diferentes lugares ao mesmo tempo. Com todos esses ângulos e cenas paralelas ele mesmo vai juntando as “pistas” e indo à própria resposta. Conjectura sobre os caminhos que a história pode tomar, ele pode gostar ou se frustrar com suas previsões. Isso é interagir com um filme, assim também definimos se gostamos ou não dele.

Enquanto que visivelmente na versão de 1974, a multiplicidade de ângulos quase não é utilizada e isso acaba por deixar enfadonho, então o espectador não tem muito a fazer senão esperar acontecer, o que em nosso século é um ato falho a se fazer.

8. IMAGEM

O romance se passa na década de 20, a Era do Jazz. Foi uma época muito turbulenta, recém-saído de uma guerra, todos estavam agitados. Foi uma época de revolução. As mulheres, que até então se vestiam de modo a cobrir desde a orelha até o arco dos pés, impuseram um estilo novo: a androginia. Mulheres se utilizando de características masculinas em seu vestuário. E ousando ainda mostrando os tornozelos,

com vestidos e saias que iam até um pouco abaixo dos joelhos. Foram anos loucos, de revolução mesmo. Com esses atributos masculinos sendo pegos, mal se distinguia uma moça de um jovem estudante, exceto pelo batom e sobrancelhas pintadas. Isso com todas as curvas sendo postas de fora. O atributo mais feminino foi descartado, roupas tubulares e achatadores para deixarem menores os seios. Quanto ao cabelo e os chapéis, o cabelo foi deixado curto e liso, chamado a “la garçonne”. E os chapéis diminuíram, mais encaixados na cabeça e pequenos, chamados cloches. (LAVÉ, 1989)

No livro, temos uma passagem que nos mostra exatamente o que chamava a atenção numa mulher: “Eu gostava de observá-la. Era uma garota esguia e de seios pequenos, com um porte ereto, que ela acentuava lançando o corpo e os ombros para trás como um jovem cadete do Exército”. (FITZGERALD, 2011. p.75)

Uma Releitura da Obra “O Grande Gatsby”



Figura 1- Jordan Baker
Disponível em <<http://www.pinterest.com/pin/37858453090503689/>>

Isso na época foi motivo de luta, e escândalo. Para a sociedade daquele início de década era inaceitável. Para hoje, esse período vem com uma palavra atrelada, glamour. São vestimentas que por sua beleza ainda influenciam hoje em dia.

A imagem é algo de muito poder atualmente, outdoors, televisão, cinema, fotografia e a mídia em geral exercem muita influencia sobre nós. A própria vestimenta se mostra como um código de identidade pessoal e coletiva. O modo como alguém se veste, se maquia e até mesmo corta seu cabelo, é algo que nos possibilita leitura de gostos e a ‘qual e quais tribos/nichos’ pertencem. E até mesmo para a separação de classes, muitos julgam o outro pela aparência, pelo que veste, o julgam pela imagem. (CRANE, 2011)

Assim como Coco Chanel foi uma das grandes influências da época. Miuccia Prada e Tiffany's, grandes influências na moda hoje, colaboraram com Catherine Martin, figurinista da montagem de Luhrmann. Com esse figurino que nos transporta para a década de 20, se potencializou com a fotografia do filme. Cores que saltam aos olhos, que transbordam dinheiro, assim como a voz de Daisy soava, segundo Gatsby.

Luhrmann se utiliza do que aquela época e hoje possuem em comum. O excesso. Tudo hoje em dia se trata de excesso. Sempre queremos mais e nunca estamos saciados. O diretor maximizou isso com a fotografia, uma cenografia e figurinos espetaculares. Com essa visualidade ele já consegue ganhar a atenção do espectador.



Figura 2- Versão Baz Luhrmann 2013

Figura 3- Versão Coppola 1974

Disponíveis em (1) <<http://www.pinterest.com/pin/95983035781122530/>>

(2) <<http://www.pinterest.com/pin/494621971546803779/>>

Luhrmann, além de criar toda esta cenografia e figurinos que são maximizados pela fotografia, se utiliza ao máximo da tecnologia de nossa época para nos dar cenas cheias de beleza. Uma cena que se pode usar de exemplo é a de quando Myrtle é atropelada, a velocidade da cena se reduz e temos seu corpo voando por sobre o carro. Ver o que aos olhos do cotidiano são ocultos, e sempre de forma bela, nos mostra que

a tecnologia e o cinema estão sempre juntos. Sempre que houverem avanços com relação a efeitos especiais, o cinema vai se apropriar e por mais que mesclado ao resto e quase imperceptível aos nossos olhos, eles estão lá.

Muitas vezes o cinema serve como um espelho. Vemos realidades nossas projetadas nas telas. Luhrmann veste essa realidade para que ao mesmo tempo que pensamos e refletimos sobre ela, a estética também tenha seu lugar, e quem sabe, nos revele que, assim como no caso de Daisy, somos tão materialistas e que nos deslumbramos facilmente com marcas e títulos.

9. TRILHA SONORA

Esse é um ponto de muita diferença entre as duas adaptações abordadas aqui. A mais antiga, de 1974, nos dá o estilo musical da época em que Fitzgerald escreveu e situa seu romance. O jazz. Este foi criado pelos negros norte-americanos, com bases afro e a princípio bem vocais, posteriormente foi assumindo uma forma mais instrumental. Ou seja, era um período inovador na música.

Ainda sobre a versão mais antiga, a questão da sonoplastia não representativa, não foi tão explorada como podia. Poucas cenas se utilizavam desse tipo de sonoplastia. Uma cena em que houve sucesso ao se usar, foi quando Nick Carraway vê Jay Gatsby de costas, pela primeira vez, aonde temos um tema de mistério, muito adequado para o contexto, pois há todo um mistério sobre quem seria o tal magnata e ele ainda não havia sido apresentado formalmente, nem aos expectadores e nem ao próprio personagem de Nick.

Quanto ao som representativo, que é o das falas, houve duas situações, a primeira foi de que os diálogos foram os responsáveis pela exposição da história. Basicamente só pelo áudio do filme, estaríamos bem localizados e aptos a entender boa parte da história, e isso por que a adaptação focou em mostrar como é no livro em si, e não como seria no cinema, que distribui as fontes produtoras de sentido,

igualmente entre imagem e som. Tendo Nick como suposto narrador, sabíamos que através da sua voz, detalhes nos deveriam ser esclarecidos. Mas esse papel se perdeu. O filme não deixava claro se Nick narrava ou apenas eram seus pensamentos que eram expostos. Um ponto que reafirma isso é a cena do primeiro beijo entre Daisy e Jay, em que ouvimos os pensamentos de ambos. Nick nunca poderia saber os pensamentos, e quando isso acontece a possibilidade de não haver um narrador aparece, e que possivelmente as vozes em off poderiam ser expostas por qualquer personagem em questão.

Na versão exibida no ano de 2013, estávamos ambientados pelos figurinos de época e seus cômodos, até mesmo pela linguagem verbal utilizada pelos personagens. Nick realmente tem seu papel de narrador intacto e justificado. Ele narrava, contava e não houve nenhuma falha que pudesse negar seu papel no desenvolver da história.

A música utilizada nesta versão é contemporânea, artistas pop de grandes nomes na indústria da música, como Lana Del Rey, Beyoncé, Jay-Z, entre outros. Isso nos oferece uma leitura diferente do que se o jazz tivesse sido mantido. Reciclagem poética, ou de arte entende se reaproveita poeticamente o que se achava perdido. Temos algo que Aristóteles nos falou em sua poética “Nos sentimos confortáveis ao reconhecer algo”. Esse reconhecimento nos aproxima mais ainda da narrativa. E o que se passou há noventa anos pôde ser revivido de uma maneira mais palpável a nós.

A música pop, ou, aquela que faz sucesso com grandes massas, possui características singulares que a tornam importante. O fato de ela atingir todas as faixas etárias com seus conteúdos, ela ser um estilo altamente voltado para a dança e ser um estilo mais comercial. E como a música pop influencia a sociedade hoje? Segundo Cavalcante:

Assim, mais do que ouvir uma música e se identificar com a letra e/ou a melodia, o pop traz para os indivíduos uma série de aspectos que influenciarão suas vidas: modo de se vestir, linguajar, pessoas com quem se relacionar, visão de mundo e até mesmo a visão de si mesmo. (CAVALCANTE e PINEZI, p.3)²

² O ano de publicação deste artigo não foi especificado.

Essas pessoas constroem sua identidade com base na música.

No filme, esse uso do pop traz, como dito acima, o reconhecer do expectador e uma visão do romance nos dias de hoje. A música fundiu os dois mundos, criando um híbrido, uma ponte, algo novo que partiu de um clássico. E isso se mostrou um grande feito. Nos ambientamos em épocas diferentes e vimos que um clássico não estaciona em uma época determinada, não é algo preso a uma data, ele sobrevive ao tempo e se mostra atual em qualquer época.

10. CONCLUSÃO

Uma reciclagem não se trata apenas de contar um clássico outra vez, mas sim de dar outras leituras e significados a ele. O exemplo aqui tomado, *O Grande Gatsby*, é uma obra que nos surpreende por sua história, por como nos cativa e nos faz refletir sobre as pessoas, sobre o tempo que não volta, entre outras coisas. E como pode ser contada de diversas maneiras e em diversas épocas. Essa reciclagem que mistura o contemporâneo e o clássico. Nunca poderemos fazer todas as conexões entre a literatura e o cinema nessa questão de adaptação, mas esse fazer a leitura de obra, seja qual linguagem for, já é por si só a reciclagem, nunca somos os mesmos e nunca olhamos pra mesma coisa com os mesmos olhos. Qualquer pensamento que nos atravessa já nos muda e essa mudança altera como vamos olhar o mundo daí pra frente, estamos sempre em movimento, sempre reciclando o olhar sobre as coisas.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2005.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: entre a realidade e o artifício**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

FIELD, Syd. **Roteiro: os fundamentos do roteirismo**. Curitiba: Arte & Letra, 2009.

ARISTÓTELES. **A poética clássica/ Aristóteles, Horácio, Longino**. São Paulo: Cultrix, 2005.

FITZGERALD, Francis Scott Key. **O grande gatsby**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: Uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CRANE, Diana. **Ensaio sobre moda, arte e globalização**. São Paulo: Senac, 2011.

BAZIN, André. **O cinema: Ensaio**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SANTOS, Marcelo Moreira. **Cinema e semiótica: a construção sócio-cultural do discurso cinematográfico**. *Fronteiras- estudos midiáticos*, São Leopoldo, v.13, n.1, 11-19, jan/abr. 2011.

CAVALCANTE, A.S; PINEZI, A.K.M. **Arte e tecnologia: Um estudo sobre a música pop e seus fãs na contemporaneidade**. Disponível em: https://www.academia.edu/3114322/ARTE_E_TECNOLOGIA_Um_estudo_sobre_a_musica_pop_e_seus_fas_na_contemporaneidade. Acesso em: 23/01/2014, 17h31.

CARVALHO, Márcia. **A trilha sonora do cinema: proposta para um “ouvir” analítico**. *Caligrama*. São Paulo: USP, Vol. 3, nº. 1 – jan./abr. 2007. Disponível em http://www.eca.usp.br/caligrama/n_7/pdf/marcia.pdf. Acesso em 17/01/2014, 15h28.

Uma Releitura da Obra “O Grande Gatsby”

SANTOS, Marcus Roberto. **Cinema e história:** O uso do cinema como manipulador das massas). João Pessoa: Simpósio nacional de história XXII, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.440.pdf> . Acesso em: 19/01/2014, 18h22.

COSTA, Luiz Angélico da. **O grande Gatsby e o sonho americano.** *Universitas*. CIDADE: UFBA, Vol.0, nº19. 1978. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/universitas/article/viewFile/1227/820>. Acesso em: 24/01/2014. 21h33.

Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br/as-conex%C3%B5es/textos-sobre-cinema/adapta%C3%A7%C3%A3o-liter%C3%A1ria-para-cinema-e-televis%C3%A3o>>
Acesso em: 21/01/2013 às 18h07

Disponível em:

<<http://www.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=50242>>

Acesso em: 21/01/2013 às 22h15

Disponível em: <<http://www.marcosproenca.com.br/2013/06/07/o-figurino-de-o-grande-gatsby/>> Acesso em: 22/01/2013 às 12h23